

Sonhada, criada, idealizada para ser diferente de todas as outras, a capital aérea e rodoviária de Lúcio Costa aos poucos vai perdendo até mesmo sua estrutura filosófica. Físicamente, do sonho resta muito pouco. E do projeto as alterações causam problemas que jamais deveriam existir.

As distorções no plano original de Brasília (I)

Texto de:
Ana Maria da Rocha
Kátia Aguiar e
Sandra Matos

A capital da República seria uma cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se com o tempo, além de centro de governo e administração, um foco de cultura das mais lúcidas do país. Assim, partindo de um simples sinal da cruz, Lúcio Costa traçou o plano da cidade que nascia das idéias dos homens que desejavam a interiorização da capital, desde 1750, até Juscelino Kubitschek.

Faltam poucos dias para que se comemore o 19º aniversário de Brasília. De Israel Pinheiro a Aimé Lamaison muita coisa aconteceu com a cidade batizada por André Malraux como a "capital da esperança". Ao longo de todos esses anos a cidade se transformou, mas foi no plano urbanístico que ocorreram as maiores e mais profundas alterações e mesmo deturpações do plano original.

"BRASÍLIA — Capital aérea e rodoviária; cidade parque. Sonho arquitectural do Patriarca" (do relatório de Lúcio Costa justificando o traçado básico da cidade).

Os homens que planejaram a estrutura física e filosófica de Brasília pensaram no bem-estar de seus habitantes como uma forma de torná-la diferente de qualquer outra cidade. Ela foi sonhada, pensada, de chão esculpido, traçada, construída e estruturada. Uma cidade feita para que o homem pudesse viver em perfeita harmonia com o que ele próprio construiu. A cidade sem esquinas, mas onde de todas as pessoas pudessem se encontrar num grande centro de diversões. Das "unidades de vizinhanças" onde as pequenas comunidades formariam as características próprias de uma única cidade.

"Brasília está ficando uma cidade como outras, pois o Plano Piloto de Lúcio Costa vem sendo totalmente desvirtuado" (Oscar Niemeyer a Comissão do Distrito Federal na Câmara dos Deputados em 1963). Cada um dos administradores da cidade, fez dela, arbitrariamente, o palco de suas vontades.

"Os problemas de circulação e urbanismo existentes hoje em Brasília não são decorrentes do plano em si, mas da falta do cumprimento dele. Ainda há tempo para se recuperar 80%. Depende da vontade da pessoa que dirigir a cidade e da motivação de sua população". (Ernesto Silva, um dos planejadores de Brasília, em entrevista recente ao Jornal de Brasília).

Mais um homem foi empossado frente ao governo do Distrito Federal. Fala-se muito da bravura e idealismo dos homens que planejaram e do espírito de pioneirismo e luta dos que para cá vieram construir a cidade. Espera-se muito das qualidades de que vem imbuido o novo administrador de Brasília.

Muita coisa é irremediável. Algumas das modificações feitas ao plano não se consentam mais. O que ainda falta, no entanto, pode dar à cidade grande parte das características que para ela se desejou.

AS UNIDADES DE VIZINHANÇAS

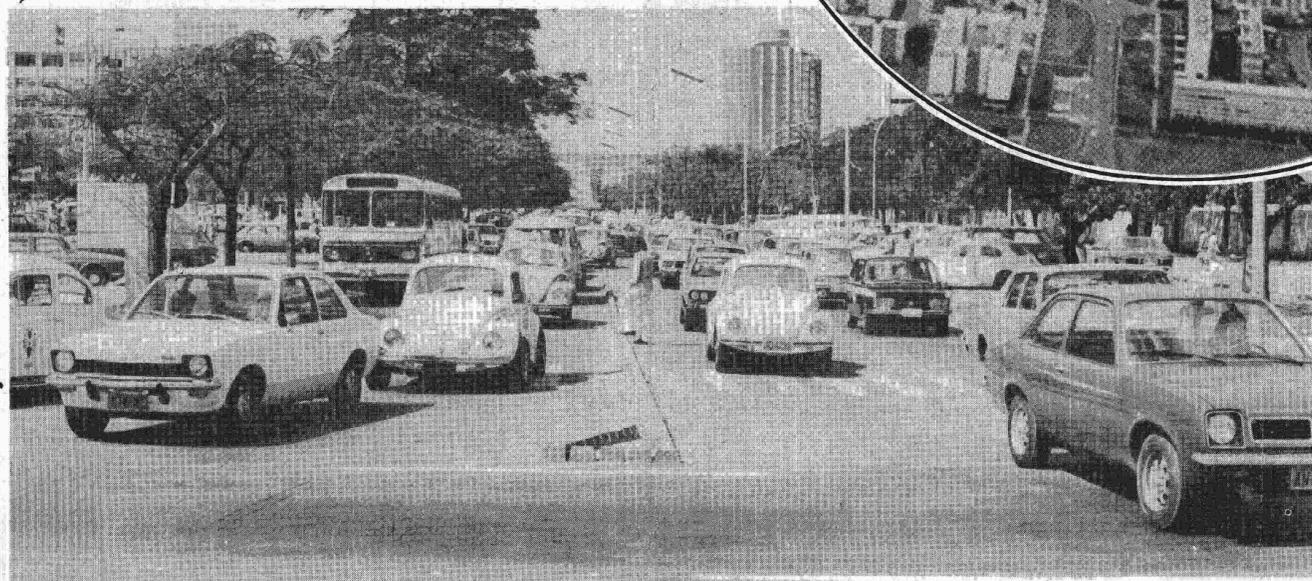
Quando foi estruturado o setor residencial do Plano Piloto, pensou-se nas "Unidades de Vizinhanças" que seriam formadas em cada quatro quadras residenciais. Cada unidade de vizinhanças teria um caráter de cidade de interior, onde "as crianças" iriam a pé para a escola, teriam o mercado próximo à residência e um clube social.

Em cada quadra residencial deveria haver um jardim de infância, uma escola-classe, um comércio local, um supermercado e uma igreja. Para cada conjunto de quatro quadras haveria uma escola-parque e o Clube Social de Unidade de Vizinhança. O plano das Unidades de Vizinhanças já começou a ser distorcido quando fizeram as portas das lojas comerciais das superquadras voltadas para o lado da rua. As entradas de todo o comércio deveriam estar voltadas para o interior da quadra residencial e assim foi planejado para que houvesse uma humanização das unidades de vizinhanças.

Até hoje, não existe uma Unidade de Vizinhança que tenha todos os elementos básicos programados. Faltam inúmeras escolas, clubes e supermercados.

OS SETORES

O Setor de Diversões, que foi



Os problemas do trânsito, com engarrafamentos, geram neurose em Brasília, fato que não deveria ocorrer

programado para ser um centro de encontro das pessoas, onde havia restaurantes, bares, cafés, casas de chá, cinemas e teatros, tornou-se um setor quase exclusivamente comercial. A fachada externa das construções estava destinada à colocação de anúncios luminosos para dar grande colorido e luminosidade ao setor. No centro de diversões sul, no entanto, o único prédio onde não se pode colocar anúncios luminosos é exatamente onde funciona um órgão do governo: uma agência da Caixa Econômica Federal.

Várias casas de espetáculo estariam ligadas entre si por travessas no gênero tradicional da rua do Ouvidor, das vielas venezianas ou de galerias cobertas e articuladas a pequenos pátios com bares e cafés e "loggias" na parte dos fundos, com vistas para o parque, tudo no propósito de propiciar ambiente adequado ao convívio e à expansão". Assim Lúcio Costa idealizou o Setor de Diversões de Brasília, "uma mistura, em termos adequados, de Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elysées". Mas, hoje, pouco se vê no setor do que ele imaginou.

O Setor Comercial Sul é hoje um dos locais onde o trânsito é um dos mais neurotizantes da cidade. No entanto, ele foi planejado para que todos os edifícios tivessem grandes garagens em seus subsolos. Na época da construção, os prédios eram vendidos por metros quadrados de construção e as garagens eram computadas na venda dos terrenos. E se a grande maioria dos prédios do setor não possuem garagem, a culpa é do próprio governo que autorizou a sua não construção. Hoje as pequenas áreas de estacionamento do setor são exploradas pela Fundação do Serviço Social.

No Setor Bancário Sul existem dois edifícios, o Seguradoras e o Casa de São Paulo, que deveriam estar no Setor Comercial. O Setor Bancário, como o próprio nome indica, foi feito para bancos e neste em dois edifícios, funcionam escritórios de advocacia, consultórios dentários, etc. Também partiu do próprio governo a autorização para a construção dos prédios fora do setor.

SAUDE

D. Pedro Casaldáliga em seu livro Antologia Retirante, diz na poesia Retificação; saber esperar, sabendo/ ao mesmo tempo, forçar/ as horas daquela urgência/ que não permite esperar...

É assim que se encontra o setor de saúde no Distrito Federal, com uma urgência de ser corrigido que não permite esperar mais. A população candanga já esperou em demasia e faz-se necessário que unindo esforços, o secretário de Saúde e o diretor executivo da Fundação Hospitalar, assim como todas as pessoas ligadas à área da saúde solucionem os problemas que nos afligem.

Aventou-se a hipótese da construção de um hospital em Brasília destinado à cura do câncer, mas o novo secretário de Saúde, acertadamente, foi contrário à idéia. Acertadamente pois o câncer não é a doença mais encontrada no povo brasileiro. Para se ter uma idéia, a grande maioria de nossa população sofre de males muito mais fáceis de serem curados, geralmente oriundos

da falta de higiene e saneamento básico das localidades onde residem.

Na Vila Buritis, em Planaltina, onde residem cerca de 30 mil pessoas, simplesmente não existe rede de esgotos. Essa situação é responsável pelo altíssimo índice de verminose ali registrado. Um número não inferior a 80% de seus habitantes sofre de algum tipo de parasitose, 40% têm ascariíase (lombriga), 30% das crianças menores de sete anos têm giardiase e 10% têm ancilostomose (amarelão, a doença do Jeca Tatu).

Na Vila Buritis já foram feitas várias campanhas de saúde, nas quais foram distribuídos remédios curativos das verminoses em geral. Tudo isso em vão, pois como não existe rede de esgotos, os dejetos são depositados em volta dos barracos, e quando chove eles transbordam alastrando-se pelas ruas e minando novamente as pessoas que possivelmente já estejam curadas, ou que nunca haviam contraído esse mal.

A renda familiar da sua população é baixíssima e não permite que pague o preço cobrado pela Caesb para limpeza das fossas, que varia de Cr\$ 600,00 a Cr\$ 800,00. Ninguém entende porque até agora o governo do Distrito Federal não se preocupou com as obras que poderiam sanar, ou pelo menos reduzir em enorme porcentagem esse problema.

"Gastaram um dinheiro no Parque Rogério Pithon, outro tanto no término apressado e inadequado das construções para inauguração do Teatro Nacional, e em outras edificações que não são prioritárias. No entanto, Planaltina continua sendo uma fábrica de doenças, e o Hospital da Asa Norte, não foi concluído, assim como diversas outras obras na área de saúde deixaram de ser realizadas. Isso é falta de respeito pela população, é completo descaso pelo ser humano", afirmou um médico da Fundação.

No Hospital Regional do Gama já se pode encontrar exames radiológicos marcados para o dia 30 de setembro. Não existe plantonista pela manhã e pela noite no Setor de Emergência, que como o nome indica, necessita deles. Em algumas unidades como Of-

talmologia, Neurologia e Cardiologia, o atendimento aos pacientes é feito por pediatras, clínicos e cirurgiões.

Essa situação gerou um documento assinado pelos médicos daquele hospital em que diziam que por respeito à ética médica, ao código civil e penal e por respeito ao paciente, essa situação tem que ser mudada para que não haja perigo de erro médico.

O HRG atende a um número muito superior de pacientes do que tem capacidade, o que causa revolta não apenas neles, mas em seus acompanhantes que ameaçam e agredem fisicamente médicos e enfermeiras, que não são na realidade os responsáveis pelos problemas causados por essa situação. Pode-se observar cerca de duas a três crianças em cada maca, o que é promíscuo e desumano.

Na Clínica Médica falta sala de repouso para pacientes em observação, o que determina que o segredo médico e o pudor do paciente sejam frontalmente agredidos. Mas não é só aí que se verificam absurdos, todas as unidades têm sua triste história para contar.

Os problemas do HRG são quase que os mesmos dos outros da rede hospitalar do Distrito Federal, em maior ou menor grau dependendo da unidade de saúde, mas são sempre muito sérios e devem ser observados responsabilmente e urgentemente para que não se crie o caos.

As expectativas que normalmente surgem diante de um governo que se inicia são mais sérias e exigentes agora, quando a população — que há quatro anos era de 760.000 habitantes — ultrapassa um milhão, tendendo a crescer cada vez mais, devido à imigração dos que aqui procuram melhores condições de sobrevivência.

E aí que entra um dos principais desafios ao governador Lamaison: a medicina preventiva.

Muitas doenças, inclusive 50% dos casos de câncer, poderiam ser evitados, caso as autoridades dedicassem à medicina preventiva a mesma atenção que recebe a medicina curativa. Para o presidente do Sindicato dos Médicos de Brasília, Carlos Saraiva e Saraiva o ideal seria o es-



cumprimento da afirmação dizendo que «a nós médicos, como classe, não foi dado o diálogo e a participação, portanto o fracasso no setor de saúde cabe inteiramente aos seus principais auxiliares».

ENSINO

O ensino da medicina distante da realidade nacional, muitas vezes submetido a programas de convênios com entidades do exterior, estão voltados para problemas de saúde que não nos atingem diretamente ou não correspondem às doenças que mais afetam o povo brasileiro. Ligado a isso está a proliferação das faculdades particulares, verdadeiras fábricas de diplomas que oferecem ensino de péssima qualidade, visando apenas o lucro e fazendo da educação um comércio.

Na opinião de Carlos Saraiva, todas essas deficiências conduzem também a deterioração do relacionamento entre médico e paciente. Depois de passar horas em uma fila e esperar até dois meses para marcar uma consulta, o doente chega revoltado diante do médico e, como este é o único elemento da hierarquia da medicina a que tem acesso, o paciente procura agredi-lo e culpá-lo por toda a problemática, que na verdade é causada pela própria estrutura do sistema de saúde. Desse modo, o clima de confiança que existia dentro de um consultório foi gradualmente se extinguindo.

Com sua longa experiência no campo da medicina do DF, Cláudio Penna afirma que «as divergências de opinião no âmbito do governo têm participado no atraso da solução dos problemas de saúde. Já no tempo do governo Prates da Silveira, havia um nítido desentendimento com o secretário de Saúde Alvaro Simões, desde o planejamento até a execução, quando tiveram início as maiores resistências contra o plano inicial de saúde». E explica que o secretário de Saúde do governo Elmo Serejo, Newton Muiyler, dissera em entrevista que considerava o plano original viável e realista, embora se queixasse da falta de verbas e da burocracia. Contudo, na mesma reportagem, o presidente da FHD, Paulo Rios, informava «ter o plano fracassado inteiramente, o que não servia mais para nada».

O presidente da AMBr prossegue lembrando que «Brasília foi planejada para ser um exemplo nacional de saúde, igualitária, integrada, preventiva e assistencial, sem as diferenças regionais humilhantes e desperdícios incompreensíveis de recursos e meios. A idéia original de que a ninguém mais interessaria preservar, conservar e restituir sua saúde do que o próprio indivíduo vivendo em seus núcleos municipais (Bandeira de Mello), levou à criação da Fundação Hospitalar, gradativamente destruída por vários organismos oficiais, e finalmente pelo próprio GDF, que a transformou numa mera repartição municipal».

DEMAGOGIA

Cientes de todas essas dificuldades, vários médicos estão considerando demagógica a inauguração de uma nova unidade do Hospital de Taguatinga, equipada com recursos modernos e sofisticados, e perfeitamente dispensáveis, segundo esses profissionais. As instalações, que custaram alguns milhões aos cofres públicos, bem poderiam ter sido feitas com maior simplicidade, dentro do necessário, destinando-se as verbas à ampliação e melhoria do pronto-socorro daquele hospital, ou ainda à construção de outro em Taguatinga.

Cláudio Penna, presidente da Associação Médica de Brasília, acredita que o mau andamento dos serviços de saúde do DF se deve, em grande parte à falta de participação dos médicos nas decisões, e explica: «O Conselho Deliberativo da FHD, proibido para os médicos empregados na entidade, só teve a participação temporária de um médico, sendo formado por técnicos e burocratas, que de medicina somente conheciam a dor de cabeça. O Conselho Comunitário não foi instalado, e o Conselho Diretor (formado por diretores de hospitais), raramente funcionou e nenhum órgão representativo da classe médica teve acolhimento. O Hospital de Base, projetado para 280 leitos foi adaptado com todas as inconveniências das improvisações, para 800 leitos, tornando-se um pronto-socorro, sem a estrutura e organização de seus similares nacionais».

Cláudio Penna, diante da situação quase caótica do setor de saúde do DF, relembra a declaração que lhe foi feita pelo governador Elmo Farias, no início de seu mandato: «Nada entendo de medicina e para isso dependo de meus auxiliares e dos senhores, médicos. «Cláudio condena o não



O traçado original vem sendo modificado, mas ainda é tempo de se salvar o que dele resta

★ Leia, terça-feira, As distorções no plano original de Brasília (II)